

CARTILHA NAPOLEONICA.

OU

INSTRUÇÕES:
MACHIAVELICO-VANDALICAS

DIALOGO

ENTRE NAPOLEÃO, E HUM MOURO

SALETINO.

OFFERECIDO

A HUMA GRANDE PERSONAGEM PORTUGUEZA.

FOR HUM

PORTUGUEZ DE TODOS OS QUATRO COSTADOS.



723



LISBOA M. D. CCCVIII.

NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

EPIGRAPHS.

Qui habet aures aures audiendi, audiat.

Para gentes bífrentes não escrevo,
Que me leião só Bons genio me ensina;
C'o Satyro que tem boca malina
Que lança fogo, e frio ben me atrevo.

Obras de M. de Galleg.

LISTO A. M. de Galleg. e Ingenho

NA OR DE SIMÃO THADDEO FERREIRA

Com licença da Junta de Impressão de Lisboa

ILL.^{mo}, E EXC.^{mo} SENHOR. . . .

HUM homem conhecido, respeitado, e reconhecido de todos os Bons da Nação, por suas apuradas virtudes Moraes, Politicas, e Sociaes, unindo a ellas muitos outros prematuros, e raros Predicados; ainda mais que pela sua nobilissima, e antiga ascendencia, como V. EXCELLENCIA tem, e de que fallão sem hyperbole os nossos Historiadores da mais remota antiguidade.

Eis-aqui o homem que eu imaginei ter achado na pessoa de V. EXCELLENCIA para dedicar-lhe esta Obra; a qual posto que pequena, e acanhada seja pelo Author que a escreve; he com tudo de alguma monta pela sua invenção; e he grande pelo assumpto de que trata; e só por estas duas razões he aigna de que V. EXCELLENCIA me permitta a honra de pôr no frontespicio della o venerando, e respeitavel Nome de V. EXCELLENCIA; pois Elle por si só será bastante para dar-lhe o credito, e valia que lhe falta.

A desafetada modestia de V. EXCELLENCIA me obriga por agora a suspender a penna; porém espero ter melhor occasião, e mais opportuno tempo, em que eu desafrontadamente possa fallar de V. EXCELLENCIA á minha vontade. Deos guarde a V. EXCELLENCIA por muitos annos. Lisboa 18. de Novembro de 1808.

De V. EXCELLENCIA

Criado, e venerador fiel, e ingenuo

O Author.

INTRODUÇÃO.

MOURO.

O EXCESSIVO assombro, que na Europa, e quasi no Mundo inteiro tem causado a Tua obreplicia exaltação ao Throno da França, ajuntando-lhe o titulo de Imperador, Rei de Italia, e Protector da Confederação do Rheno: e sobre tudo isto, os famosos, inauditos, e impróprios Epithetos com que foste (segundo diz o Público) lisongeiramente aplan-dido, e dado a conhecer, até pelos Summos Sacerdotes da Religião Catholica, e outras grandes Per-sonagens chamando-te : *o Enviado do Altissimo, o Homem desconhecido de todos os Seculos: o Integer-imo Defensor da Religião, o Mestre da Arte dif-ficil de Governar*, &c. &c. &c. Tudo isto junto, ao estrondoso brado das Tuas violentas Conquistas, e quasi incriveis Victorias; e muito mais ainda pe-las grandes façanhas que obraste na sempre memora-vel Expedição do Egypto, em proveito dos descen-dentes de Ismael, Discipulos do grande Profeta cu-ja Seyta aprovaste, e debaixo de cujo Estendarte foste alistado; além de outros muitos nunca ouvidos factos, que a Tua sabida modestia me obriga a pas-sallos em silencio:

Eis-aqui em brevissimo resumo, o que determinou o meu Dey, a mandar-te por mim dar os parabens como a hum bom Irmão, por ter reconhecido em Ti, hum dos mais acerrimos Defensores da nossa Mafamedica Seita: e ao mesmo tempo pedindo-te, que lhe patenteies os extraordinarios modos, as idéas, e as astucias que pozestes em voga, e de que lançaste mão, para banir a antiga Dynastia dos Borboes; e quaes forão também os meios, e os caminhos por onde subiste a hum gráo tão alto de honra, e fortuna (a exemplo do nosso Profeta) sendo aliás de huma origem tão acanhada, e escura da Ilha de Corsega, como asseverão todas as gentes; chegando a fazer esquecidos na Historia dos Seculos passados, os Antiocos, os Caligulas, os Atilas, os Neros, os Tarmolões, &c. dos quaes ficão a perder de vista a memoria das acções, dos seus procedimentos, e das suas Conquistas, cotejadas com as de Napoleão.

Confirmado pois o meu Dey na certeza de tudo isto; querendo imitar, e seguir em tudo os teus exemplos, e querendo chegar ao ultimo apuro, e refinar o mais que possa ser, a barbaresca legislação do barbaro Pais que governa como seu Chêfe, a fim de adiantar a sua opinião, e promover por todos os meios directos, ou indirectos os seus interesses, a que Tu dás o nome de ambição heroica, para cujo fim Tu lhe servirás de modelo; pertende portanto, que em desempenho da promessa feita á face do Mundo inteiro, que has de ser o Reformador, e Defensor das Nações todas, em todos os ramos da Administração Publica, Politicos, Civis, e Militares; e até mesmo na Moral ensinando geralmente as maximas astuciosas, e secretas de engrandecer, e dilatar



os seus Estados, ainda que seja a custa, e com manifesto prejuizo dos seus vizinhos, e Alliados, fazendo como Tu tens sempre feito (menos com os Inglezes) a seu sabor, e com toda a vantagem, e proveito proprio, tanto a guerra, como a Paz; sem ter attenção a nenhum direito que não seja analogo com huma vontade perpetua, e ambição excessiva: para o meu Dey pôr em prática sem algum desvio os Teus dictames, fundados nos sobreditos Napoleonicos principios, será necessario que por mim lhe mandes as instrucções que te pede, como bom irmão, e fiel amigo. Eis-aqui o fim da minha Embaixada.

BUONAP.

Reconheço, e aprovo as intenções do teu Dey; e improntamente vou satisfazer ao que com tanta razão, e justiça me pede, não só em desempenho da promessa que a todo o Mundo fiz, mas tambem por ser isto conforme com o genio, com o meu caracter, e muito proprio do meu Omnipotente Poder: sobre tudo, por ser isto hum essencial dever da nossa confraternidade, e da particular estima que tenho á sua pessoa, cujos interesses já mais perderei de vista, promovendo-os com toda a efficacia, e energia assim por mar, como por terra, defendendo-o de todos os seus inimigos de qualquer Nação, ou Seita que elles forem; de tal maneira, que os interesses de hum Saletino, e de hum Francez serão tidos, e julgados por huma cousa. Vamos pois debaixo destas vistas, dar principio ás Instrucções.

MOURO.

O meu Dey, quer em primeiro lugar saber,
* iv em

em que consiste a Politica, e a sua diffinição, segundo os principios Napoleonicos.

B U O N A P.

He discreta, e sábia a sua pertença: pois sem politica nenhum homem saberá dar hum passo acertado, no governo dos Estados de que vive encarregado. A politica, segundo os principios que tenho adoptado, e o que deixarão escrito os principaes Mestres della; e o que praticarão esses famosos Conquistadores, a quem a politica fama prodigaliza o nome de Heróes: Diffinem a politica em sublime, e inferior: alta, e baixa.

A politica da primeira classe, he sómente propria de hum homem que tenha hum genio com os seguintes predicados: que seja altivo, resolutos, vasto em projectos, ambicioso heroicamente em tudo, sagaz, constante nos seus systemas, previsto, astucioso, temerario, amphibologico, dissimulado, e finalmente firme em conservar a sua palavra, em quanto esta lhe for conveniente, e necessaria para fazer bom o seu partido; ou para promover os seus interesses, sejam elles da natureza, e classe que forem; tendo sempre secundariamente em vistas a Religião, ou Seita do Paiz que governar, mas de tal modo, que ella não tenha superioridade sobre a vontade do Chéfe do Estado, assim como eu tenho feito até agora, servindo-me do exemplo de Pedro Grande da Russia: mas fará nisto de tal modo, que o Povo sempre a olhe com respeito, pois que ella deve influir na sua moral como a experiencia tem mostrado desde a primeira idade do Mundo.

A politica inferior: he sómente propria de hum ge-

genio mediocre, plebeo, e mercenário, e por isso pouca, ou nenhuma influencia tem na politica sublime; pois esta he a mola Real de todos os grandes homens de Estado; a cuja energia, actividade, e força necessariamente succumbe a crassa ignorancia do vulgo sempre errado, e cego nas suas opiniões; salvo quando estas são dirigidas por hum genio illustrado que saiba pulir, e organizar os seus projectos, e as suas idéas aliás será tudo desordem, e tumulto. Mas daqui não se segue que o vulgo não deve ser contemplado, em certos casos, e atendido, mas em nenhum certamente admitido a conselho, em materias de Estado. Esta maxima he a menina dos meus olhos.

MOURO.

Logo segundo essa Diffinição será certamente impossível haver no Mundo hum homem com todos esses predicados para ser hum perfeito politico.

B. U. O. N. A. P.

Na verdade he difficiloso: dizes muito bem, mas não he absolutamente impossível. Mafoma, Romulo, Julio Cezar, Augusto, Solimão, Pedro Grande, Frederico II. da Prussia, Sulli, Colbert, Mazariño, Cunha, Carvalho, e Ximenes foram sem duvida grandes homens de Estado, e Politicos da primeira classe, segundo o caracter das suas Nações, segundo os tempos, e as diversas operações, e projectos politicos, que cinhão para manejar, os quaes era necessario serem de tal modo concebidos que todos os obstaculos, e duvidas que houvessem de occorrer estivessem prevenidos de ante mão nas suas idéas.

MOU.

MOURO

Por esse modo pode sem temeridade alguma dizer-se que tu és hum grande homem de Estado, e hum perfeito politico?

BUONAP.

O que posso dizer-te sem bazofia nesse particular he: que eu desde que me propuz ser o Chêfe da Nação Franceza, e o Reformador de todas as Nações até a presente ora, sempre tive em vistas desmentir a baixeza do meu Nascimento, e colocar o meu nome entre esses grandes, e famigerados heróes, que em todos os tempos, e em todas as idades serão apre-goados por immortaes, não só pelas brilhantes ac-ções que fizerão, e arduas emprezas a que se aba-lançarão, arrostando como eu immensos perigos, ven-cendo contradicções, aplanando milhões de difficulda-des, já pelos caminhos de huma virtude affectada, e hypocrita; já pelos meios de Proclamações capciosas, e illusivas; já pelo meio do terror, panico, e da força; já fazendo ao principio mil protestos, e promessas que a final não são satisfeitas, nem cum-pridas; e ultimamente introduzindo entre os Póvos que intênto subjugar, o descontentamento do actual Governo a intriga, e a desordem, a mostrando lhe de longe, huma lisongeira, futura felicidade que a final se tornou em jugo de ferro. Tal tem sido até agora a carreira que invariavelmente tenho se-guido nos muitos, e diversos Paizes que tenho su-geitado ás minhas Leis, e Dominio, á excepção de Portugal, cujo PRINCE illudio, e escapou ás minhas astuciosas, e politicas idéas, sendo Elle o unico que foi

foi capaz (com a sua retirada para o Brasil) de tornar , e destruir pelos alliceres todos os meus Planos , e projectos da conquista universal que me tinha proposto , e quasi concludido. Porém *quid erat in factis*. E por hum impensado modo , e com este exemplo , abríão repentinamente os olhos quasi todas as Nações , até alli submissas. Alli forão vergonhosamente sepultadas todas as minhas esperanças , e com ellas os trabalhos , e as fadigas de todas as minhas victorias , ficando a todo o Mundo manifestos meus cavilosos , e secretos Tratados : *Quis temperet a la-crimis* ? Mas ainda não desmaio , sem que Junot me dê as ultimas noticias que brevemente espero.

MOUROS

Estimatei que essas noticias seião favoráveis. E agora continuando no começado assumpto diz-me : E que disposições são necessarias para adquirir essa sciencia politica dos Estados ?

BULO NA PAZ

Aquellas que eu tenho , e sigó , ignoradas de todas as mais Nações.

MOUROS

E essas disposições em que consistem com particularidade ?

BULO NA PAZ

No abuso que eu sempre fiz , e faço tanto da Paz , como da Guerra.

MOU-

foi capaz (com a sua tenacidade para o Brasil) de trans-
MOURO. tornar, e destruir todos os meus pla-

nos, e projectos de conquistas universaes que me li-
E como defines Tua Paz, segundo os teus prin-
cipios?

uma laçõa de tempo, e com os olhos quasi todas
BUONAP. as Nações, até a América do Sul, e a África

He o que produz em mim hum vehemente de-
sejo de fazer a Guerra.

micenas, ficando a todo o Mundo manifestos meus
MOURO. cavilozos, e secretos projectos.

Mas ainda não decaio, sem que Junot me
E como defines a Guerra?

BUONAP.

He a que me eleva a hum estado de satisfazer
 ao meu heroico, e ambicioso genio.

MOURO.

Em que te occupas Tu durante a Paz?

BUONAP.

Em adormentar, e illudir com frivolos estrata-
 gemas os meus visinhos, e Alliados.

MOURO.

E que fazes durante a Guerra?

BUO-

BUONAP.

Trabalho por enganar, e illudir a todos, e até a mim mesmo se for necessario.

MOURO.

De que modo será, ou poderá ser a Guerra vantajosa?

BUONAP.

Conseguindo fazer-me Senhor absoluto de todas as Nações.

MOURO.

Porque razão tendo decorrido tanto tempo, se não tem realizado o Teu projecto?

BUONAP.

Porque ainda não tenho todas as forças, e meios necessarios para ultimar esta empresa; e tambem porque os Ingleses meus inimigos cruéis o embaraçam.

MOURO.

Que quer dizer Direito Natural?

BUONAP.

He hum Código velho do coração humano, que eu mandei copiar de hum M. S. que trouxe por acaso á Europa hum Negro buçal da Cafraria.

MOU-

MOURO.

E. que quer dizer Direito das Gentes?

BUONAP.

Segundo a minha politica , e moral , (na qual tudo he licito , e premettido) julgo ser hum Direito totalmente escusado , e inutil , e hum vocabulo sem significado.

MOURO.

Que cousa he hum Tratado?

BUONAP.

He tambem huma palavra chôcha , e sem significação , de que eu sempre fiz o menos caso possivel.

MOURO.

Que entendes Tu por Limites?

BUONAP.

Aquelles que nunca teve , nem já mais terá a minha heroica ambição.

MOURO.

Que cousa são Amigos?

BUO.

BUONAP.

Isso he cousa em que não creio, nem tive jámais em minha vida, e só os conservo em quanto me fazem conta para as minhas máquinas.

MOURO.

Então para que tens Alliados?

BUONAP.

Para que quando mais descuidados estiverem, eu lhe faça ver, e sentir o enorme pezo do meu poder.

MOURO.

Porque razão principias Tu as Hostilidades, antes que declares a Guerra?

BUONAP.

He para que senão admirem, nem fiquem surprehendidos, quando virem que eu a continuo, depois della estar finda.

MOURO.

Quaes são os modos secretos, e particulares com que te fazes amar dos Póvos conquistados?

BUONAP.

He impondo-lhes huma pezada, e injusta contribuição.

MOU-

M O U R O

Quando hum Paiz tem pago essa contribuição ,
que resta a fazer ao General em Chêfe do Exército?

B U O N A P.

He esperar pela imposição da segunda , e de ca-
minho pôr-se á lerta para ver entrar pelo centro da
França os Representantes dos taes amigos , no caso de
recusarem a terceira.

M O U R O.

Parece-me meu Imperador. . . Porém Tu estás so-
bresaltado ! Que sentes ? Que tens ? . . .

B U O N A P.

Com razão estou inquieto , e desasôccgado : pois
vejo vir o Expresso de Portugal mandado pelo Gene-
ral Junot. Quero ir ver as noticias ultimas que me dá
daquelle Pais , depois do desembarque que os Insu-
lares fizerão. Eu sim confio no valor dos meus aguer-
ridos Soldados , na intrepidez , e experiencia dos meus
Generaes , porém temo muito da superioridade em
numero dos inimigos ; e ainda mais temo do impla-
cavel odio que todos os Portuguezes tem concebido
contra o General Junot , por causa dos seus innaudi-
tos , execrandos , e injustos procedimentos. Eu desde
aqui o estou vendo atacado em todos os pontos , e
julgo que não poderá escapar. Infeliz Junot ! eu farei
todo possivel por salvar-te. Embaixador Adeos , até
outra vez.

Fim da primeira Parte.